

# “POR PRAZER E POR LAZER, MEU FAKE\* ME PROTEGE!”\* DISCUSSÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NO APP \*GRINDR

## “FOR PLEASURE AND FOR LEISURE, MY FAKE PROTECTS ME!” DISCUSSIONS ABOUT THE PRODUCTION OF IDENTITIES IN THE GRINDR APP

Rodrigo Lemos Soares 1

**Resumo:** O texto disserta sobre produções de subjetividades, a partir dos usos do aplicativo Grindr, no qual os perfis fakes assumem diferentes modos de utilização. Enquanto metodologia foi elaborado um perfil, demarcada a distância referente à localização geográfica do município e, por fim, identificados sujeitos que não apresentavam fotos de rosto em seu perfil. O número foi de 32 usuários, aos quais foi enviada uma questão: O que te leva a produzir um perfil e não mostrar o rosto? Nas análises foi possível perceber que essas formas de interação social acarretam na defesa daqueles que as articulam, assegurando e ao mesmo tempo, postergando o contato olho no olho. Em relação às práticas sexuais ser passivo foi tomado, como justificativa para a não exposição destes sujeitos. Outras justificativas foram situadas nas possibilidades de macular ou depreciar a própria imagem pela possibilidade de expressar desejos sem se responsabilizar com consequências de outras ordens e garantir seu direito ao anonimato.

**Palavras-chave:** Aplicativo gay – Grindr. Produção de subjetividades. Práticas culturais.

**Abstract:** The article talks about productions of subjectivities perceived from use of application Grindr, in which fake profiles assume different modes of objectification. As methodological attitudes, a profile was prepared (with a photo of the author), then a distance of fifty km was demarcated referring to the geographic location of the municipality and, finally, subjects who did not have face photos in their profile were identified. The number found was 32 users, to whom the following question was sent: What makes you produce a profile and not show your face? In the initial analyses, it was possible to perceive that these forms of social interaction lead to the defense of those who articulate them, ensuring and at the same time postponing eye-to-eye contact. It was also noted that, in relation to sexual practices, being passive is taken, as a justification for not exposing these subjects. In this context, other justifications were placed in the field of possibilities of tarnishing or depreciating one's own image through the possibility of expressing desires without having to responsible for consequences of other orders and guarantee your right to anonymity.

**Keywords:** Gay app – Grindr. Production of identities. Cultural practices.

---

\* Fake (“falso” em inglês) é um termo usado para denominar contas ou perfis usados na Internet para ocultar uma identidade de um usuário(a). Para isso, são usadas identidades de famosos(as), cantores(as), personagens de filme, paisagens, animais, entre outros(as), ou até mesmo imagens de outras pessoas anônimas.

\* Relato de um dos sujeitos participantes – BENTO XVI (01/ 11/ 2021).

\*APP – forma contraída do termo aplicativo, usualmente utilizada nos sites de rede social.

4 Doutor em Educação (UFPEL). Professor Adjunto do curso de Educação Física da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Uruguaiana, RS, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7158430253302821>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1690-8991>. E-mail: [rodrigolemos@unipampa.edu.br](mailto:rodrigolemos@unipampa.edu.br)

## Acessando a rede...

Acessar redes é algo que na contemporaneidade soa como vital, podendo ser inclusive pensado como condição de existência. Não obstante desse pensamento e envolvimento (tal como o mundo todo) pela pandemia causada pela COVID19 passei a questionar-me como as relações intraescolares se desenharam no contexto adoecido, pelo qual ainda estamos rodeados e, por assim dizer condicionados. Impulsionado e inquietado pelo cenário social fui pesquisar como os discentes de uma escola de Ensino Médio desenvolviam suas práticas corporais. Realizei todas etapas ético-burocráticas e ético-sociais ao acessar as escolas de Ensino Médio (rede estadual) de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Enviei e-mail com a proposta e convite para participarem do estudo para seis instituições. Expliquei que o estudo seria via questionário on-line (virtual), sem custos à escola e docentes, mas que precisaria de um momento na aula de Educação Física para realizá-lo. Obtive o retorno, já com o aceite e consentimento de cinco. A outra não se manifestou até o final dessa escrita.

Em posse das manifestações positivas, retornei o contato com as escolas, com a intenção de conseguir acesso aos professores(as) do referido componente curricular, a fim de sanar suas dúvidas e agendar dia e hora para conversar sobre o assunto com os(as) estudantes. Nas datas e horários definidos lá estava eu (virtualmente) nas plataformas, desenvolvi uma narrativa sobre Educação Física e práticas corporais e liberei o link para que respondessem ao questionário que continha as seguintes questões: *O que você entende por práticas corporais? Quais práticas corporais você dispõe na sua rotina? A Educação Física te auxilia a desenvolver habilidades motoras, principalmente, nesse momento? Você faz usos de aplicativos (APP) (do tipo Tik Tok ou similares) para ter alguma prática corporal?*

Do total de 117 estudantes, com os quais tive contato nos encontros, 63 retornaram, de modo anônimo, conforme havia anunciado (para escola - direção e professores(as), bem como alunos). Ao ler as respostas deparei-me com algo que me soou como inusitado, isso porque, ao responderem a questão: *Você faz usos de aplicativos (APP) (do tipo Tik Tok ou similares) para ter alguma prática corporal?* 13 estudantes afirmaram utilizar o app *Grindr*. Como entendi que não seria possível adentrar esse cenário, pelo menos naquele momento, pela escola, busquei outra forma de tentar entender o que esse app oferece.

Dito isso, suspendi a ideia inicial da pesquisa, isto é, adentrar às práticas corporais pela Educação Física, durante a pandemia de COVID19 e delineei outra proposta pautada pela inquietação de saber: *como os usos do app Grindr potencializaria alguma prática corporal?* Ao visitar as plataformas do referido instrumento (site, blog e, posterior app) entendi a que ele se propõe: usar das mídias virtuais para socializar sujeitos (*Grindr*, 2022, s.p.). Meus olhares para escrita do artigo passaram a focar na dissertação sobre processos de subjetivação advindos do uso midiático do *Grindr*, no qual ocorre a circulação de perfis fakes. Os quais, ao mesmo tempo em que situam os sujeitos em posições específicas nesses ambientes virtuais de interação deliberam modos de comunicação e convívio.

Destaco então que, independente da proposta a ser estudado, parto da compreensão de que por qualquer prática corporal os sujeitos são produzidos por processos de objetivação e de subjetivação. A primeira, é o conjunto de práticas, estratégias e técnicas disciplinares, as quais produzem saberes acerca dos sujeitos e seus corpos, para “[...] classificá-lo, posicioná-lo, corrigi-lo e governá-lo” (Fonseca, 2003, p.24). Já, os de subjetivação, são as resistências impostas pelos sujeitos a cada técnica disciplinar a ele dirigida, são suas manifestações de poder a todo sistema que lhe constitui (Fonseca, 2003).

## Conectando ao APP *Grindr*: produzindo um perfil

O *Grindr* é um aplicativo com base na localização é “[...] o maior aplicativo de rede social do mundo para gays, bi, trans e queer” (*Grindr*, 2022, s.p.). Lançado em 2009 e, desde lá, “[...] temos milhões de usuários diários que usam nossa tecnologia baseada em localização em quase todos os países em todos os cantos do planeta” (Idem, 2022, s.p.). Em sua defesa a plataforma que aporta o app afirma e convida (*GRINDR*, 2022, s.p.)

E ainda estamos evoluindo. Hoje, o Grindr orgulhosamente representa um estilo de vida LGBTQ moderno que está se expandindo para novas plataformas. De questões sociais a conteúdo original, continuamos a abrir caminhos inovadores com um impacto significativo para nossa comunidade. No Grindr, criamos um espaço seguro onde você pode descobrir, navegar e se afastar do mundo queer ao seu redor. Continue conectando!

O *Grindr* utiliza a internet para identificar a localização física, outra característica é a preservação do anonimato que garantem a discrição dos(as) usuários(as), além das modalidades gratuita e pago (no primeiro é possível acessar 100 perfis, enquanto que no segundo o número passa para 600). Acredito que essas configurações oportunizam uma democratização de acessos e permanências nessa mídia digital. Com essas deliberações os sujeitos possuem condições de deslocamento na plataforma ao estabelecerem suas preferências e livre arbítrio para dialogarem com quais e quantos perfis desejarem.

Assim, aloco o aplicativo como um artefato cultural e ao dizer desse lugar entendo que ele, tal como os sujeitos são oriundos de produções culturais. As culturas em jogo assumem funções pedagógicas, pois, reiteram tipologias físicas do desejo (corpos bronzeados, malhados e esguios são a maioria das imagens presentes). Mais que isso, os modos de operacionalização atuam diretamente por e sobre os corpos (Foucault, 2000) e, desse modo, são produzidos e reiterados significados sociais sobre sujeitos e suas materialidades corporais.

Na perspectiva dos Estudos Culturais é possível compreender que o *Grindr* apresenta pedagogias, porque contem processos sociais que ensinam, modos de ser e existir nesse espaço social envolto pela produção e intercâmbio de significados (Steinberg, 1997). Logo é preciso alertar para o fato de que não existe fixidez semântica, tampouco, saber que não entre nas dinâmicas sociais presentes no aplicativo. A pedagogia é oriunda de artefatos culturais, os quais segundo Silva (2012, p.55),

[...] contêm pedagogias culturais que ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e (re) produzindo significados. Nesse sentido, podemos entender que nós, enquanto sujeitos de uma cultura, somos constituídos nela e por ela, e que os processos que constituem nossas identidades e subjetividades são tanto educacionais quanto culturais.

A partir dessas pedagogias e desses artefatos que busquei perceber o quanto os sujeitos são produzidos pelos perfis presentes no aplicativo. Além disso, saliento que os atravessamentos ocorrem em meio aos processos culturais que estão intimamente vinculados com as relações sociais oriundas das culturas, as quais envolvem poder. Para tanto, ela (a cultura) “[...] não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e lutas de classes” (Johnson, 2004, p.13).

Por este caminho, quero conduzi-lo(a) a entender que o *Grindr* é um app que, enquanto artefato cultural, passa a ser visto como uma ferramenta (Jodelet, 2001) produzida para desenvolver sociabilidades e identidades que se entrecruzam. Uma ferramenta operacionaliza relações, faz falar, calar, enfim, coloca em jogo situações vividas no interior do *Grindr* como, por exemplo: disputas, flertes, agenciamentos e agendamentos de encontros, entre outras possibilidades (JODELET, 2001).

A metodologia decorreu das seguintes etapas: produção de um perfil (com uma foto de rosto do pesquisador). Ao produzir o perfil, no item de descrição do usuário explanei sobre a pesquisa e seu objetivo. Na segunda parte determinei que a idade para participação era de, no mínimo, 18 anos sem especificar um limite máximo etário. Com referência a altura estipulei que a mesma era variável. E, em relação à distância de localização estabeleci um raio que se limitasse a abrangência da Região Sul do RS, especificamente, a partir da geolocalização do município do Rio Grande, ou seja, 55Km. A intenção dessas especificações era a de tentar encontrar aqueles(as) estudantes, ainda que não tivesse estabelecido esses encontros como condição para seguir o estudo, tampouco questionei sobre o assunto com os perfis que se propuseram a participar da pesquisa.

Depois de realizado o cadastro inicial no aplicativo, lancei olhares para identificar possíveis participantes, dentro da especificidade geográfica. Minha busca foi por perfis em que as fotos não fossem de sujeitos reconhecíveis socialmente (minha intenção não era saber quem estava lá ou não, visto que se trata de um município relativamente pequeno), outra estratégia foi pré-selecionar perfis que tivessem foto, mas que não fosse de rosto. Nessas condições encontrei 32 possibilidades, aos quais enviei a proposta da investigação, objetivo e seguinte pergunta: **o que te leva a produzir um perfil no Grindr e não mostrar o rosto?** Do todo de 32 perfis que receberam esta pergunta. A todos os perfis foi apresentado primeiro a pesquisa e depois da sinalização positiva enviei a questão. Obtive 17 contatos de retorno e 11 respostas a pergunta. Saliento que dentre os retornos, alguns eram convite para sexo, dois convites para uma saída descompromissada, solicitação de outras fotos do pesquisador, “[...] para eu saber se é uma pesquisa acadêmica de verdade” (TRINCADÃO – 19 de set. 2021). Nesse caso, em específico enviei outra foto, uma self com o meu perfil logado durante a nossa conversa e enviei ao solicitante.

Sendo assim, os perfis participantes estão identificados, conforme a denominação dos mesmos, no app. Ao lado dos seus nomes coloquei a data em que retornaram ao questionamento central do estudo. São eles: Malhado Gato (22/ 09/ 2021); Trincadão (19/ 09/ 2021); Ken (27/ 09/ 2021); Lavadeiro (01/ 10/ 2021); Ursão (03/ 10 /2021); Marombeiro (03/ 10/ 2021); Passivo Bom (20/ 10/ 2021); Lobo Bom (22/ 10/ 2021); Ator (25/ 10/ 2021); Bento Xvi (01/ 11/ 2021) E Comedor Rs (04/ 11/ 2021). Realizei os primeiros contatos na primeira semana do mês de setembro de 2021. Os aceites e respostas ocorreram em dias posteriores, subsequentes do mesmo mês e 3 (três) indicadores de participação, bem como as respostas foram concedidas posteriores a este período, mas compõem esta pesquisa. Destaco que as narrativas deles estarão colocadas no corpo do texto, com mesma fonte e tamanho, porém, com destaque em itálico.

O ato de se nomearem destes modos já indicaram-me uma categoria de análise, isso porque, segundo Butler (2003) esse é um processo que é, “[...] ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma” (Butler, 2003, p.161), o que considero como performativo. Mais que isso, nomear-se indica posições de sujeitos e reitera lugares de desejo, pois, sinaliza “[...] o que conhecemos e sobre o que desconhecemos, ou melhor, sobre o que nos permitimos conhecer e sobre o que deixamos de conhecer, sobre o que ignoramos” (LOURO, 2014, p.36). Contudo, não assumi esse fazer por compreender que esse seria outra pesquisa, com outras epistemes, objetivos e sustentações. Analisar os modos como as pessoas se nomeiam implica em entender quais as funções sociais tem por desejo e aspiração. Aprofundamentos outros pela Filosofia da linguagem.

Em posse das respostas, defini o uso da Análise de Conteúdo para o trato das narrativas, a qual é “[...] uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos” (Moraes, 1999, p.19). Nela, os processos de análise dividem-se em cinco fases: 1 - Preparação das informações; 2 - Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; 3 - Categorização ou classificação das unidades em categorias; 4 - Descrição; 5 - Interpretação. Ao operar essas cinco etapas o(a) pesquisador(a) agenda o que Moraes (1999) denomina como atitude metodológica científica.

Específico então que a preparação das informações diz respeito a todo processo de encontro, contato, realização e transcrição das mensagens retornadas a mim, via app. A Unitarização, por sua vez, decorre de leituras das transcrições, o que possibilitou destacar elementos comuns/ reiterados nas respostas. Realizada a Unitarização, cheguei na terceira e elaborei um agrupamento conceitual e formei categorias, em princípio foram três. Na etapa quatro, a descrição, determinei um título para cada categoria, além disso, escrevi um resumo com as palavras chave de agrupamento. Na fase cinco, a interpretação, consegui definir os títulos que originaram os subitens deste artigo.

Ao finalizar, mesmo que momentaneamente, a sistematização analítica manteve as três categorias, no entanto, destaco que para esse texto somente as duas últimas serão abordadas. Dito as categorias são: **POR DEFESA...** (resultante de afirmações dos sujeitos ao exporem que utilizam o aplicativo sem a foto de rosto como modo de esconder-se, um projeto de maculação da imagem, uma possibilidade de fuga de possíveis acareações); a segunda **POR PRAZER...** (resulta de narrativas relativas a produção das vontades e desejos expressos, centrados nas corporalidades de outros perfis, o desejo como convite e permanência no *Grindr*) e a terceira **POR LAZER...** (onde discorro

sobre a produção de corpos, a partir de noções de homossexualidade, formação e expressão de desejos, o app e suas potencialidades de desenvolver campos imaginativos e assim enaltecer desejos subjetivos).

Antes de encerrar esse tópico julgo necessário elucidar que as narrativas dos sujeitos estão colocadas na íntegra. Os diálogos produzidos, a partir delas, descrevem meus olhares analíticos as respostas dos sujeitos, precisamente atento ao que foi efetivamente descrito nos *posts* (respostas ao perfil do pesquisador). Ao produzir minhas narrativas (análises) acessei as mensagens “[...] suspendendo continuidades, acolhendo cada momento do discurso e tratando-o no jogo de relações em que está imerso” (FISCHER, 2001, p.221). Realizei imersões que desconfiavam inclusive do que eu julgava saber.

### Por prazer...

“Creio que é politicamente importante que a sexualidade possa funcionar como funciona nas saunas, onde, sem que se esteja aprisionado em sua própria identidade, em seu próprio passado, em seu próprio rosto, encontram-se pessoas que são para você o que você é para elas: nada mais do que corpos, com os quais combinações, fabricações de prazer serão possíveis [...]” (Foucault, 1978, *apud* Eribon, 1996, p.168).

Pensar os prazeres, em suas múltiplas intensidades e possibilidade de plenitude, tal como a produção de probabilidades no campo erótico, a partir de Eribon (1996) implica em considerar um conjunto de experiências políticas importantes. Em Foucault (1988) quando retrata sua arte erótica, afirma que as verdades são extraídas não dos discursos, mas das práticas sexuais, que miram, principalmente os prazeres. Para tanto, “[...] contra o dispositivo de sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres [...]” (Foucault, 1988, p.147). Nessa situação é preciso considerar um deslocamento social, o qual passa a pensar os prazeres como preocupação moral e cuidado ético (Foucault, 1984, p.126).

Porque é o mais violento dentre todos os prazeres, porque é mais custoso do que a maior parte das atividades físicas, porque diz respeito ao jogo da vida e da morte, [o prazer sexual] constitui um domínio privilegiado para a formação ética do sujeito: de um sujeito que se deve caracterizar por sua capacidade de dominar as forças que nele se desencadeiam, de guardar a livre disposição de sua energia, e de fazer de sua vida uma obra que sobreviverá além de sua existência passageira.

Foucault (1984) expõe que os *Aphrodisia* (grupo no qual o autor une prazer e desejo como dinâmicas indissolúveis e circulares) os quais são imprescindíveis na formação ética dos sujeitos. Eles representam uma “[...] utopia realizada, não de uma sexualidade feliz, mas de um corpo de prazer plural, onde as coisas do amor não formavam um conjunto unificado pela função do falo castrado [...]” (Miller, 1989, p.82).

“*Ter este fake me deixa excitado, porque as pessoas acham que sou assim e mandam suas fotos de tudo que é jeito!*” (URSÃO – 12/07/2021). Se a construção das identidades virtuais for entendida como um feixe de estratégias de inclusão, não somos “quem queremos”, mas, representamo-nos por narrativas que acreditamos ser adequadas e atraentes. Dessa forma, a liberdade de representações estará emaranhada em redes de saber-poder que nos autorizam a inventar determinadas narrativas e fazem com que rejeitemos outras (Saraiva, 2007). A naturalização e normalização das heterossexualidades podem fazer com que sejam percebidas relações de poder em que as demais formas de sexualidades são avaliadas e descritas como errôneas ou como aponta Michel Foucault “anormais” (Foucault, 1988). Sendo assim, “[...] as construções da sexualidade funcionam discursivamente para normalizar aquilo que é marcado - a homossexualidade - e aquilo que é não marcado - a heterossexualidade” (Britzman, 1996, p.82). Neste contexto as sexualidades,



conforme já mencionado, passam a ser entendidas como “[...] construções sociais contraditórias e socialmente complexas” (Britzman, 1996, p.81).

“Marco muitos encontros, mas não vou em nenhum, porque não sou assim, como na foto, não tenho esse corpo!” (MAROMBEIRO – 15/09/2021). Pensar, a partir dessa narrativa, conduz a problematizar como os corpos são percebidos e valorizados pelos sujeitos dessa pesquisa, enquanto corpos passíveis de identificação. Diz-se isso, alicerçado em escritos de Michel Foucault, ao vislumbrar que é no corpo e sobre ele que as relações de poder e saber operam de modo imediato: “[...] elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, submetem-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (Foucault, 1987, p.25). O corpo, “[...] lugar de dissolução do eu, volume em perpétua pulverização, traz consigo em sua vida e em sua morte, em sua força e em sua fraqueza a inscrição de acontecimentos e conflitos, erros e desejos” (Foucault, 2007, p.22). O que se quer dizer com isso é que o sujeito utiliza-se de uma desconexão com a imagem do seu corpo, para inscrever uma história que lhe permita pertencer ao grupo, a partir de um modelo de corpo tido como “desejável”, a partir do qual ele se apresenta. Esconder-se parece ser uma necessidade, que insere os sujeitos em um jogo de poder, no qual se deve compreender o poder, “[...] como uma multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas da sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte” (Foucault, 1988, p.102). Assim, penso que,

[...] essa é uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos. Entende-se que há dois sentidos para a palavra sujeito: sujeito submetido ao outro pelo controle e dependência e sujeito fixado à sua própria identidade pela consciência ou conhecimento de si. Nos dois casos, a palavra sugere uma forma de poder que subjuga e sujeita (Foucault, 1994a, p.227).

Percebo, ao longo das narrativas, os dois pensamentos acerca dos sujeitos e suas constituições, como modo de ser, estar e produzir-se para fazer parte do *Grindr*. Dessa forma também os sujeitos são objetivados pelo lugar em que vão se inserindo. Assim torna-se possível fixar-se diante da noção de sexualidade a partir da objetivação dos sujeitos e ao “[...] fixar diante dessa noção, tão cotidiana, de sexualidade, ganhar recuo em relação a ela, provar sua evidência familiar, analisar o contexto teórico e prático no qual ela apareceu e ao qual está associada [...]” (Foucault, 2014, p.207). Não pretendo aqui remontar historicamente ao modo como determinadas práticas se tornaram naturalizadas enquanto práticas homossexuais, mas sob inspiração foucaultiana, observar o lugar que tais práticas ocupam na sociedade e como se pode perceber a produção de identidades a partir de tais comportamentos. Desse modo, sobre o sujeito, que sendo incompleto, descentrado e múltiplo, ainda cabe destacar com Foucault (2010, p.330) que,

[...] nós descobríamos que a filosofia e as ciências humanas viviam sob uma concepção muito tradicional do sujeito humano, e que não bastava dizer, ora com uns, que o sujeito era radicalmente livre e, ora com outros, que ele era determinado por condições sociais. Nós descobríamos que era preciso procurar libertar tudo o que se esconde por trás do uso aparentemente simples do pronome ‘eu’ (je). O sujeito: uma coisa complexa, frágil, que é tão difícil falar, e sem a qual não podemos falar.

“Aqui ou tu joga, ou não consegue nada, já chego logo falando em sexo e coisas bagaceiras!” (PASSIVO BOM – 07/10/2021). Ao entrar no jogo, submete-se às regras e a liberdade do sujeito não é de todo soberana. Mas, como percebemos anteriormente pela concepção de sujeito da qual “[...] é difícil falar e sem a qual não podemos falar” (Foucault, 2010, p.330) pensar a subjetivação dos indivíduos implica em não aderir a uma concepção de total assujeitamento às condições sociais. Assim, pode-se perceber que tem-se a produção de múltiplas subjetividades que são externadas através de enunciados que demarcam posições-sujeito distintas: o homem fora do padrão de beleza que utiliza a foto de um corpo sarado para poder inserir-se no jogo, o heterossexual cuja sexualidade “externa” ao aplicativo deixa escapar um desnível identitário que supõe a existência

de outras identidades, subalternas, forjadas em segredo, etc. A incitação ao desejo e o espaço de externalização das vontades, como percebido no excerto acima enunciado pelo participante PASSIVO BOM indica diretamente como os indivíduos são atravessados pelo social para que sejam produzidas identidades, porém, as identidades não são sempre as mesmas no interior do jogo e, no *Grindr*, nesse sentido, pode valer o que Foucault (1984, p.126) assinala acerca dos *aphrodisia*<sup>1</sup> que ocupam lugar imprescindível na formação ética do sujeito

[...] porque é o mais violento dentre todos os prazeres, porque é mais custoso do que a maior parte das atividades físicas, porque diz respeito ao jogo da vida e da morte, [o prazer sexual] constitui um domínio privilegiado para a formação ética do sujeito: de um sujeito que se deve caracterizar por sua capacidade de dominar as forças que nele se desencadeiam, de guardar a livre disposição de sua energia, e de fazer de sua vida uma obra que sobreviverá além de sua existência passageira.

*“Além da foto, indico vídeos do mesmo cara, assim parece mais que sou eu!” (LOBO BOM – 27/07/2021).* O uso de diferentes artefatos culturais (vídeos, imagens que repetem informações acerca de um indivíduo, por exemplo) torna-se um meio para garantir contatos e possíveis encontros, no sentido de que eles auxiliam na demonstração das identidades apresentadas no aplicativo. Assim, ao mesmo tempo em que os sujeitos são produzidos nas tramas tecnológicas eles também se produzem e incitam as subjetivações de outros participantes. Para esses modos de produzir-se, Rose (2001) confere o nome de tecnologias de subjetivação que são “[...] as maquinações, as operações pelas quais somos reunidos, em uma montagem, com instrumentos intelectuais e práticos, componentes, entidades e aparatos particulares” (ROSE, 2001, p.176) que produzem “[...] certas formas de ser-humano, territorializando, estratificando, fixando, organizando e tornando duráveis as relações particulares que os humanos podem honestamente estabelecer consigo mesmos” (ROSE, 2001, p.176). A possibilidade de ter uma relação fora do aplicativo parece ser o fator motivador dessas construções identitárias que envolvem matizes diversas de possibilidades de desfrutar o prazer, seja ele no campo do fetichismo ou da exposição de produções imagéticas do remetente ao destinatário, não necessariamente sendo de fato de um desses.

## Por lazer...

Parto do pensamento de Marcellino (2002) ao expor o lazer como uma possibilidade de impulsionar formas de subjetividades, além disso, como uma ferramenta com capacidade de conceber a produção de dinâmicas de liberdade que oportunizarão processos de construção de sujeitos outros. O lazer então é um fenômeno histórico e considerado como a experimentação de tempos privilegiados, em que os valores em jogo contribuem para alterações nas ordens moral e cultural (MARCELLINO, 2002). Ao dizer desse entendimento, afirmo o lazer como produtor de subjetividades e sujeitos, a partir de práticas de subjetivação e experimentação de liberdades. De um foco mais funcionalista o lazer (MARCELLINO, 2002, p.48),

[...] busca a “paz social”, a manutenção da “ordem”, instrumentalizando o lazer como recurso para o ajustamento das pessoas a uma sociedade supostamente harmoniosa, ou fator que ajuda a suportar a disciplina e as imposições sociais e a ocupar o tempo com atividades equilibradas e corretas do ponto de vista “moral”. Contrapõe-se a essa visão do lazer como instrumento de dominação aquela que o entende como um fenômeno gerado historicamente, do qual emergem valores questionadores da sociedade como um todo e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente. Assim, a

1 Michel Foucault (1984) especifica que se trata de um conjunto dinâmico em que ato, prazer e desejo estão unidos de modo indissolúvel e circular.

importância do lazer significa considerá-lo como um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural. Mudanças necessárias para a implantação de uma nova ordem social.

Os espaços de lazer são mais uma forma de posicionar os sujeitos na sociedade, são eles que determinam práticas de lazer contemporâneas, vias exercício das disciplinas voltadas aos corpos, pela noção de relações de saber e poder agenciadas a todo instante. Dito assim, são entendidos “[...] espaços-tempo de lazer como de grande fertilidade para o exercício do cuidado de si, fundamentando processos renovados de subjetivação [...]” (VILLAVERDE, 2001, p.112).

“*Brincar de ser quem não sou é isso que faço aqui, isso sem contar que fico vendo os movimentos dos caras*” (ATOR – 13/10/2021). A esta altura cabem os estudos de Butler acerca das performatizações de gênero. Em 1990, com Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade<sup>2</sup>, a autora apresentou o conceito de gênero como “ato performativo”<sup>3</sup> trazendo à tona estudos acerca do que poderíamos chamar de “gêneros não-inteligíveis”, ou seja, indivíduos que não podem ser percebidos dentro da norma heterossexual binária que regula sujeitos a partir da biologização dos corpos.

Para Butler (2003), o binarismo de gênero objetiva a naturalização de questões de ordem cultural. Se forem levados em consideração os estudos de Scott (1995) para quem o gênero se tornou uma categoria útil de análise histórica pode-se perceber os modos de se relacionar com a sexualidade em diferentes momentos históricos pode-se perceber que são muitas as formas de lidar com sexualidades e corpos em diferentes culturas e situações. Dessa forma, estar no *Grindr*, mesmo que para observar os outros, para além de prática possível é algo também anunciado no site do aplicativo. Logo, permito-me pensar que, “[...] o corpo masculino, mesmo visto como objeto plástico que remete ao classicismo antigo, é também um objeto de desejo assumido, matéria feita para excitar e lembrar que o ato de olhar tem, em si mesmo, algo da obstinação voyeurística” (SANTOS, 2002, p.08).

“*Se estou aqui esqueço do resto é quase um vício, mas tenho que logar todos os dias para me masturbar, mas não sou homossexual*” (BENTO XVI – 08/09/2021). Ao articular o excerto de Bento XVI com a passagem de Santos (2002) apresentada anteriormente, percebo os corpos masculinos como objeto de desejo, que causam excitação ao mesmo tempo em que, algumas vezes, tem-se a repressão do desejo alimentado, pois este é percebido como ilegítimo em relação a uma identidade “verdadeira” percebida no interior de uma lógica heterossexual. Sendo assim, no excerto acima, um ponto importante a se pensar é da negação da homossexualidade e, mais ainda, da ocorrência do termo, da aparição do nome, como algo a ser “expurgado” do sujeito que não se identifica com um nome, mas que se insere em práticas relativas ao nome que vê como repulsivo para dizer sobre si. Destaco que a palavra, tampouco o campo conceitual das homossexualidades não foi acionado em momento algum da pesquisa. Neste contexto, destaco Costa (1992, p.24) ao escrever que,

[...] a palavra homossexual está excessivamente comprometida com o contexto médico-legal, psiquiátrico, sexológico e higienista de onde surgiu. O homossexual, como tento mostrar, foi uma personagem imaginária com a função de ser a antinorma do ideal de masculinidade. Sempre que a palavra é usada evoca-se, querendo ou não, o contexto da crença preconceituosa que até hoje faz parecer natural dividir os homens em homo e heterossexuais.

Vale destacar que a preocupação da presente pesquisa não perpassa os julgamentos e classificações dos sujeitos, mas reside em estudar as práticas nas quais se inserem a partir dos processos de objetivações dos sujeitos entrevistados e de comportamentos durante a produção de

2 No original o título é *Gender Trouble – feminism and the subversion of identity* (Routledge: Nova York, 1990). A edição brasileira data de 2003, lançada pela editora civilização brasileira do Rio de Janeiro.

3 O conceito de performatividade provém de uma leitura que Derrida fez de Austin. Resumidamente pode-se afirmar que, sob inspiração derridiana, Butler vai conceber o gênero a partir de dois conceitos: a performatividade que torna real e produz aquilo que nomeia ou atua e a repetição enquanto gesto que é sempre uma citação reiterada, atuando como um modelo repetido, uma repetição.



suas identidades, a partir das subjetivações. Amplia-se então com Foucault (1988, p.43) o diálogo pensando a identidade homossexual como a criação de um personagem, diz ele:

[...] um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular.

Julga-se importante ir além, trazendo, portanto, as contribuições deste mesmo autor ao propor novos modos de vida e de prazer que escapassem às questões de homogeneizações das identidades sexuais ou de desejo possíveis para pensar a homossexualidade e os sujeitos homossexuais. Recorro a Foucault (1994b, p.165) por acreditar que,

[...] ser gay não é identificar-se com os traços psicológicos e com as máscaras visíveis do homossexual, mas procurar definir e desenvolver um modo de vida. Um modo de vida pode ser compartilhado entre indivíduos de idade, status e atividades sociais diferentes. Pode favorecer relações intensas [...] pode produzir uma cultura e uma ética [...].

No entanto, este modo de vida, por vezes, é apontado, julgado e utilizado como moeda de troca, uma vez que o sujeito que se utiliza desse viver para compor suas experiências, como o caso narrado a seguir: *“Já achei uns conhecido aí fico pressionando eles, uma diversão, ameaço e peço tudo que quero ver, bundinha, pau, se o cara é gostoso peço tudo”* (COMEDOR RS – 03/11/2021). Pelo exposto

[...] os saberes da tecnociência contemporânea – informática, telecomunicações e biotecnologias – imbricados em relações de poder, vêm contribuindo “fortemente” para fabricar os corpos, os gêneros e as subjetividades do começo deste século (SIBILIA, 2008, p.47).

No sentido do exposto por Sibilia (2008) é possível se aproximar do conceito de vitrine virtual pelo fato de os sujeitos estarem dispostos ali, sendo escolhidos ao mesmo tempo em que escolhem, em múltiplas relações de hierarquização e de poder. Hall (2006) aponta que o poder disciplinar descrito por Foucault “[...] é produto das novas instituições coletivas e suas técnicas envolvem aplicação do poder e do saber que ‘individualiza’ ainda mais o sujeito e envolve mais intensamente seu corpo” (HALL, 2006, p.43). No caso, os corpos são mais explicitamente alvos e meio de estabelecimento de poder, um poder que os atravessa e incide sobre eles e dos quais se faz emergente pensar em outras formas de subjetivação e mesmo em mover-se no interior das relações de poder e dos jogos de saber-poder em que os indivíduos estão situados. Pensar assim os sujeitos e a sexualidade, seja ela qual for, implica em pensar na sexualidade como forma histórica singular de percepção, conforme escreveu Foucault (2014, p.208):

É querer trata-la como uma correlação de um domínio do saber, de um tipo de normatividade, de um modo de relação consigo; é tentar decifrar como se constituiu nas sociedades ocidentais modernas, a partir e a propósito de certos comportamentos, uma experiência complexa em que se liga um campo do conhecimento (com conceitos, teorias, disciplinas diversas), um conjunto de regras (que distinguem o permitido e o proibido, o natural e o monstruoso, o normal e o patológico, o decente e o que não é, etc.), um modo de relação do indivíduo consigo mesmo (pelo qual ele pode se reconhecer como sujeito sexual no meio dos outros).

Apoiado nos estudos de gênero pós-estruturalistas e queer, principalmente nos campos em que eles se articulam, com a Educação, às fundamentações de Foucault e Estudos Culturais, entendi que para os sujeitos, o lazer esbarra nas condições culturais subjetivas que correspondem a seus prazeres, por meio do que chamei aqui de lazer. Assim, ao tomar a cultura como basilar ao lazer e, nesse caso, ponto de articulação com estudos de gênero e Estudos Culturais, forjei conjuntos de suspeições que me permitiram colocar em xeque, as práticas de significação que disputaram e agenciaram licitudes do lazer, para os participantes. Parti de narrativas e formulei leituras para compreender os fenômenos e dinâmicas que ora escapam e ora reiteram normativas sociais e, assim, produzem possibilidades de existência pelo lazer, entendi como a Educação “[...] opera, conforma e constitui elementos para pensar-viver a sexualidade e as relações de gênero como dimensões importantes na constituição dos sujeitos” (POCAHY; DORNELLES, 2019, p.130).

### **Ser, não ser, produzir: *fakes* e presenças em questão**

Nas análises articuladas no presente trabalho foi possível perceber que essas formas de interação social acarretam na defesa daqueles que as articulam assegurando e ao mesmo tempo, postergando o contato olho no olho. Importante ressaltar dois questionamentos nessas considerações momentâneas: o primeiro é o de pensar sobre como se articulam as relações interpessoais que este artefato cultural possibilita, tanto na rede virtual, quanto na vida fora dela? e o segundo: sobre quais implicações ocorrem, a partir do uso seguido do *Grindr*? Amarra a estes apontamentos a afirmação de Couto e Rocha (2010, p.29) ao situarem:

Na atualidade, somos, de muitos modos, resultados dos diversos discursos e contradições intrínsecas a cada experiência ou modo de ser. Nesse contexto, as identidades estão em constante construção, desconstrução e reconstrução. Isto nos permite concluir que vivemos a era das hibrididades, das identidades híbridas, onde não faz mais sentido classificá-las como “verdadeira” ou “falsa”. No ciberespaço ou na vida off-line as identidades são mais ou menos inventadas e as confusões são mais importantes que as definições limitadas e empobrecidas.

Outras justificativas ficam no campo das possibilidades de macular ou depreciar a própria imagem, ou seja, expressar seus desejos sem precisar arcar de forma direta com consequências de outras ordens. “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2007, p.32). Nota-se, também, que as relações de práticas sexuais, no caso, ser passivo, é algo que os sujeitos mencionaram como justificativa para não se expor. Desse modo, parece haver um currículo, como uma espécie de modos de comportamentos possíveis no interior das regras do jogo em que se dão as interações virtuais, que forja comportamentos e faz com que sejam percebidas diversas produções de identidades.

Encerro em diálogo com Eribon (1996, p.168) ao citar Foucault para expressar que,

[...] creio que é politicamente importante que a sexualidade possa funcionar como funciona nas saunas, onde, sem que se esteja aprisionado em sua própria identidade, em seu próprio passado, em seu próprio rosto, encontram-se pessoas que são para você o que você é para elas: nada mais do que corpos, com os quais combinações, fabricações de prazer serão possíveis.

São inúmeras práticas e um espaço com múltiplas identidades circulantes, estudar o *Grindr*, como artefato cultural que ensina e medeia relações entre sujeitos é uma experiência - no sentido larrosiano<sup>4</sup> - que requer outras e insistentes leituras, pois deixa em aberto questionamentos

4 Segundo Jorge Larrosa (2002), a experiência remete a algo que nos passa e que nos acontece.

importantes para se pensar comportamentos contemporâneos. São muitas produções, em meio às reflexões possibilitadas face aos relatos descritos pelos *fakes* apresentados, que demarcam lugares onde os sujeitos devem ocupar, a partir do que se é, ou quer ser, daquilo e daqueles que se expõe dentro do espaço específico de um aplicativo de interação virtual. Dessa forma, o presente trabalho buscou trazer contribuições para pensar os modos de subjetivação e a produção de identidades na contemporaneidade através dos espaços virtuais de interação.

Olhar para os processos de produção e intercâmbio de identidades dentro do artefato faz parecer que há intencionalidades na produção das mesmas, no entanto, destaco que isso é apenas um efeito das multiplicidades de ações possíveis, ao assumir uma reflexão sob a ótica foucaultiana. Os jogos estarão a todo o momento se produzindo em uma arena cultural, na qual os significados serão negociados, no interior de redes de poder e as definições hierárquicas dependerão mais das subjetividades do que das objetividades. Entendi que não existe um sujeito transcendental e unificado ao redor de um “eu” coerente e com uma essência perene. Nesse sentido, o *Grindr* parece operacionalizar uma norma corporal imagética. Em relação aos processos produção de subjetividades, estes dizem respeito às práticas através das quais o indivíduo se reconhece como sujeito, para tanto, eles se nomeiam circulam no app pela via da liberdade, vinculados a identidades que reconhecem como suas ou que mais lhes agradam (FOUCAULT, 1994a).

## Redes

BRITZMAN, Deborah P. O que é essa coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, jan./jun. 1996. pp.71-96. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71644> Acesso em: 03 mai. 2023.

BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”. In: LOURO, G. L. [Org.]. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003a, pp.151-172.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. [Trad.] AGUIAR, R. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003b.

CONNEL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp.185-206, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725> Acesso em: 03 mai. 2023.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

COUTO Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito. Identidades contemporâneas: a experimentação de “eus” no Orkut. In.: COUTO, E. S.; ROCHA, T. B. [Org.] **A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2010. pp.13-32.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, nov. 2001. pp.197-223. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009> Acesso em: 03 mai. 2023.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.

FOUCAULT, Michel. “Prefácio à História da Sexualidade”. In: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. [Org.] MOTTA, M. B. da; [Trad.] CHIQUIERI, A. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, pp.207-213.

FOUCAULT, Michel. “Lacan: o ‘Libertador’ da Psicanálise”. In: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos I**.

**Problematização do sujeito:** Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. 3ª ed. [Org.] MOTTA, M. B. da; [Trad.] RIBEIRO, V. L. A. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, pp.329-330.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 23ª ed. São Paulo: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e poder. *In: Col. Ditos e escritos IV*. Paris: Gallimard, 1994a.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. *In: Col. Ditos e escritos IV*. Paris: Gallimard, 1994b.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir - História da violência nas prisões**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III:** o cuidado de si. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II:** O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GRINDR. **Home**. Disponível em: <http://grindr.com> Acesso em: 01 mai. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JOHNSON, Richard. “O que é, afinal, Estudos Culturais?” *In: SILVA, T. T. [Org. e Trad.] O que é, afinal, Estudos Culturais?* 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, pp.07-131.

LOURO, Guacira Lopes. “O potencial político da teoria queer. **CULT**, ano 17, Edição 193. São Paulo. pp.36-37, agosto de 2014.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer:** uma introdução. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 2002. 100p.

MILLER, Jacques-Alain. “Michel Foucault et la psychanalyse”. *In: FOUCAULT, M. **Philosophe***. Paris: Seuil, 1989.

POCAHY, Fernando Altair; DORNELLES, Priscila. Problematizando gênero e sexualidade em interlocução com educadoras/res de uma escola confessional-filantropica. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, p.127-150, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.41765> Acesso em: 03 mai. 2023.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. *In: SILVA, T. T. da. [Org.]. **Nunca fomos humanos:** nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp.137-204.

SANTOS, Alexandre. **A indisciplina do desejo:** corpo masculino e fotografia. 2002. Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/2002/textos/texto07.pdf> Acesso em: 03 mai. 2023.

SARAIVA, Karla. “A fabricação dos corpos os chats”. *In: WORTMANN, M. L. et al [Org.]. **Ensaio em Estudos Culturais, Educação e ciência:** a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia – instâncias e práticas contemporâneas*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. pp.53-76.

SIBILIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo, Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “Nós, ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano”. *In*. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. [Org. e Trad.] SILVA, T. T. da. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2012. pp.07-15.

STEINBERG, Shirley R. “Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações”. *In*.: SILVA, L. H. da; AZEVEDO, J. C. de; SANTOS, E. S. dos. [Org.]. **Identidade social e construção do conhecimento**. Porto Alegre, PMPA, 1997.

VILLAVERDE, Sandoval. Corpo, lazer e natureza: elementos para uma discussão ética. *In*: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. [Org.]. **Representações do lúdico: II ciclo de debates “lazer e motricidade”**. Campinas: Autores Associados, 2001. p.105-122.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e cultural”. *In*: SILVA, T. T. da; HALL, S. [Org.]. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2005.

Recebido em 19 de janeiro de 2024

Aceito em 12 de abril de 2024